



"DOS CONTOS DE FADAS ÀS MÍDIAS CINEMATOGRÁFICAS": PROBLEMATIZANDO GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NO FILME *PRECIOSA: UMA HISTÓRIA DE ESPERANÇA*¹ A PARTIR DO PENSAMENTO DE DONNA HARAWAY

Márcio Alessandro Neman do Nascimento²

William Siqueira Peres³

Resumo: Os contos infantis, desde o século XIX até os dias atuais, são difundidos e trazem encanto para crianças, com suas histórias fantásticas sobre fadas, princesas, monstros dentre outros seres fascinantes. Já a partir do século XX, observa-se o crescente uso das tecnologias midiáticas como produção do fantástico, entre elas, o cinema. Assim sendo, analisa-se dentro dessas obras artísticas, que os contos de fadas são produtores de modos de subjetivação datada em séculos passados que descrevem e formatam modelos de vida requeridos naquele dado contexto sócio-histórico e político e que ainda vigoram nos tempos atuais. O cinema, do mesmo modo, também produz tecnologias de gêneros para difundir um modo de ser homem ou um modo de ser mulher, no entanto, por se tratar de uma produção mais recente na história da humanidade, *pode* produzir dissidências discursivas sobre situações frente à construção social dos gêneros, das sexualidades e raças. Dentro dessas polifonias o presente trabalho investe na análise do filme *Preciosa: uma história de esperança*, objetivando uma forma alternativa em se problematizar, nas instituições educacionais, os marcadores sociais gênero, sexualidade e raça de uma personagem que se afasta do modelo eurocêntrico da construção de sua existência e que também pode ser considerado um conto de fadas atualizado e possível. Utilizou-se de abordagens pós-estruturalistas, especialmente em diálogos com os estudos feministas, de gênero, culturais e pós-colonialistas da autora Donna Haraway.

Palavras-chave: marcadores sociais, cinema, contos de fadas.

No tempo recorrente, as temáticas relacionadas à “Educação e Cidadania” insurgem no âmbito educacional de modo incessante. As escolas e instituições socioeducativas já não podem vender os olhos para as questões relacionadas ao

¹ PRECIOSA: uma história de esperança. Produção e Direção: Lee Daniels. Produção. USA: PlayArte, 2009. (110 min) color.

² Mestre e doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP- Campus Assis/SP). Psicólogo e Professor Universitário. Integrante do GEPS (Grupo de Estudo e Pesquisa Sobre as Sexualidades), vinculado ao CNPq. E-mail: marcioneman@gmail.com

³ Professor Assistente Doutor do Departamento de Psicologia Clínica, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Integrante do GEPS. E-mail: pereswilliam@gmail.com



analisador corpo e suas interseccionalidades com os marcadores sociais que constituem o humano em sua feitura, tais como, classe social e econômica, raça/etnia, sexualidade, gênero, orientação sexual, religião, entre outros. As problemáticas emergentes relacionadas a esses marcadores sociais eclodem por corredores, banheiros, pátios, quadras esportivas, salas de aula e, na maioria das vezes, só chamam atenção quando acontecem situações extremas referentes às práticas violentas entre educando/educando ou educando/educador e, recorrentemente, estão relacionadas às questões de raça, gênero e expressões das sexualidades. Sobre a necessidade de outros modos de produção de conhecimento, Sandra Azerêdo nos diz que,

[...] Precisamos fazer perguntas e também, o que é muito importante, aprender a escutar as respostas, com ouvidos abertos para a diferença. Esse me parece ser o grande desafio da Psicologia neste início de século. Escutar o outro, pegar no ar o sentimento de perdição no rosto dos excluídos, mesmo que 'de relance', como fez Clarice com Macabéa. Enfim, escutar 'o rugido da batalha', como nos propõe Foucault. É preciso querer saber das verdades do outro e não ficarmos presos à mesmice de nossas verdades, tantas vezes apoiadas em privilégios (AZERÊDO, 2002, p.16).

Eis que surge a emergência de produção de ações e práticas que auxiliem profissionais que atuam na área da educação a pensar e proceder nas situações em que se evidenciam as diferenças, a partir de práticas pedagógicas que sejam mais bem fundamentadas que as ações sancionatórias. As filas para a entrada nas salas de aulas mudaram, as formas de alfabetização se aperfeiçoaram; no entanto, os conceitos relativos às questões morais ainda se nota estruturas solidificadas e resistentes a serem contextualizadas aos acontecimentos contemporâneos.

Os materiais sócio-pedagógicos recentes (livros e cartilhas) orientados pelas Políticas Públicas Educacionais de Inclusão Social, Ministério da Educação (MEC)⁴ e Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) parecem insuficientes

⁴ Vale salientar aqui o encaminhamento dado aos “kits educativos anti-homofobia” que seria distribuído pelo MEC. O kit era parte integrante do *Projeto Escola sem Homofobia* e era composto, além do material impresso, de 3 audiovisuais com seus respectivos guias para



para a função de instrumentalizar agentes educacionais a intervir em contextos e situações referentes às práticas sociais violentas difundidas socialmente e que são visibilizadas também nas micropolíticas das instituições educacionais. Ressaltamos a análise de Rogério Diniz Junqueira (2009) em que existem diversas estratégias de gestores e educadores que utilizam do discurso “politicamente correto” para se esquivarem em abordar as questões das diversidades sexuais na educação, ou seja, hierarquizando as demandas - analfabetismo, evasão escolar, entre outros - como questões mais importantes e, ainda, não conseguindo estabelecer relação entre a evasão escolar com o terrorismo de gênero cometida entre os muros dos colégios.

Nesse sentido, o presente trabalho visou problematizar o uso das mídias cinematográficas nos contextos (sócio)educacionais como dispositivos políticos sobre a vida, como instrumentos para uso em trabalhos educacionais com adolescentes objetivando a propagação, acesso às informações importantes relacionadas às construções dos gêneros, sexualidades e raças, a relação de cuidado de si e a busca do prazer. Assim, também encorajar para que educandos ajam de forma mais autônoma e/ou saibam se esquivar de práticas sociais violentas, ou seja, que consigam produzir meios criativos de enfrentamento aos racismos, aos machismos, as homofobias, as lesbofobias, as bifobias, as transfobias e todas as interdições que enfraquecem e despotencializam os sujeitos.

serem trabalhados com gestores e educadores e, *a posteriori*, multiplicados em salas de aulas. Encontrou-se forte resistência de parlamentares moralistas e fundamentalistas religiosos que pregavam que o kit era uma apologia e incentivo à homossexualidade e à pedofilia. Também não podemos (re)lembrar a manifestação de várias organizações que compreendiam a proposta pedagógica e a adequação do material às faixas etárias (de acordo com o desenvolvimento afetivo-cognitivo), entre elas, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) e a representação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no Brasil. Por fim, o Governo Federal, nas disputas políticas e interesses “eleitoreiros”, optou por vetar a distribuição dos kits, vetando assim, a promoção e propagação de premissas dos direitos sexuais e reprodutivos como sendo vinculados aos Direitos Humanos. Para um detalhamento acerca das políticas públicas voltadas aos LGBT’s (principalmente as do MEC) e os poucos aproveitamentos promovido por elas, verificar: MELO, Luiz et al. Para além de um kit anti-homofobia: políticas públicas de educação para a população LGBT no Brasil. **Bagoas**, v. 6, n. 7, p. 99-122, 2012, e, JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC; Secad; UNESCO, 2009.



Para tanto, buscou uma obra cinematográfica que concebesse potência política de temáticas emergentes nas discussões da cidadania e propagação dos direitos sexuais e reprodutivos como constituintes dos Direitos Humanos. Ainda, era de interesse que o filme pudesse funcionar com um agente de transversalidade com as diversas e diferentes áreas do saber e de disciplinas cursadas pelos adolescentes, constituindo-se em um poderoso problematizador das experiências e recorrências que incidem no âmbito extra e intra escolar.

A escolha do filme *Preciosa: uma história de esperança* como objeto para análise neste artigo também surgiu em contraponto aos modelos clássicos de princesas encontrados em algumas histórias dos contos infantis (re)contados pelos irmãos Grimm (1882). A contraposição não se refere a uma repulsa à fantasia e aos sonhos, mas ao paradigma rígido e ilusório que *podem* produzir modos de subjetivação submissa e normatizada, que descrevem a espera de um amor romântico e platônico dentro de uma perspectiva eurocêntrica, heteronormativa, falocêntrica, misógina, machista, colonialista e de rituais cristãos e ascéticos. Esses contos de fadas foram e são adaptados para desenhos animados⁵ e reificam ainda mais as questões que colocam a figura feminina em um posicionamento de passividade e espera. Porém, nos estudos de gêneros contemporâneos observa-se a importância de se quebrar esses modelos que padronizam as sensações, sentimentos e experiências e que faz com que muitas meninas, jovens e mulheres adultas sofram por não atingirem tais padrões. Em tempo, lembramos que as práticas educativas atuais ainda corroboram para a divulgação destas tecnologias de gêneros, revelando não só como muitos profissionais não questionam os terrorismos de gêneros, mas legitimam tais posicionamentos. A partir do exposto, Azerêdo (2011, p. 28) aponta que devemos,

[...] perceber a linguagem e nosso corpo como sendo processos 'naturais', como algo essencial e necessário, com leis e normas bem precisas, que existem independente de nós. Nesta perspectiva, não há como escapar da materialidade de nosso corpo nem da realidade da língua. Porém, essa

⁵ The Walt Disney Company produziu vários desenhos animados baseados em contos infantis históricos, principalmente os (re)contados pelos irmãos Grimm.



materialidade não é dada de antemão, mas é construída, reiterada performaticamente. É assim que se produz o preconceito – através da linguagem, em nossos corpos, num processo de reiteração em que somos agentes, mas no qual não reconhecemos nossa agência, já que faz parte desse processo apagar os traços de nossa participação de modo que as palavras e as coisas apareçam como dadas, naturais, mantendo uma relação direta, imediata entre elas, independente de nós. O processo de produção de preconceito é muito complexo e começa muito cedo em nossas vidas.

A partir do exposto, observamos que quando problematizamos os marcadores de análise categorias raça (proveniência territorial e suas escritas nos corpos) assim como os marcadores de sexualidade e gênero proporcionamos discussões insurgentes sobre as existências dissidentes e as políticas que depõem contra a Vida, denunciando assim problemas sociais relativos aos preconceitos, discriminações e segregações.

A narrativa de *Preciosa: uma história de esperança* é baseado no romance *Push* da escritora Sapphire⁶. A história passada em 1987 caminha para a apresentação de Claireece Precious Jones que juntamente com sua mãe, habita um pequeno apartamento em um bairro periférico de Nova Iorque – o Harlem. Adolescente de 16 anos, negra, mulher, obesa dos quadris largos e elevados, pobre e analfabeta, embora frequentasse a escola. Por sua estética pouco valorizada para os padrões culturais do mundo ocidental, principalmente nos Estados Unidos (modelo de valoração corporal adotado também pelo Brasil, principalmente por filmes que investem em *sexy symbols*), sofre práticas sociais violentas em todas as esferas sociais (ruas do bairro, escola) e dimensões da sua vida privada (relação de violências psicológicas e físicas ocasionadas pela mãe e sofreu abuso sexual do próprio pai desde os três anos). Dessas agressões, engravida pela segunda vez do seu pai; a primeira filha, chamada de “Mongo” (abreviado de mongolóide) apresenta Síndrome de Down e reside com a avó, sendo que visita Preciosa e sua mãe nas datas em que a assistente social realizada a visita para manter (ou não) o

⁶ Trata-se do nome artístico de Ramona Lofton, mulher, negra, poetisa performática. Foi professora no bairro do Bronx em Nova Iorque, lecionando para alunos, na sua maioria, constituídos por negros e latinos. *Push* foi publicado originalmente em 1996.



benefício financeiro mínimo dado pelo governo. Sonhadora, em momentos de tentativa de fuga das agruras impostas pela vida que levava, a protagonista fantasiava em ser magra, loira, rica, uma atriz famosa e ter um namorado que a admirasse e a amasse.

A fantasia e/ou fuga apresentadas em passagens do filme, demonstram um modelo imagético de sonhos que povoa o imaginário, principalmente o feminino. As cenas que representam os devaneios de Preciosa quase sempre é seguida de uma cena anterior de violência. Possivelmente, em uma análise ampla, os sonhos de Preciosa podem ser compreendidos como condições históricas importantes para se compreender a produção de subjetividades, principalmente a formatação do feminino frente às tecnologias de gênero (DE LAURETIS, 1994), que (re)produzem diferenciação e relações de poder entre homens e mulheres, sexualidade(s) normativa(s) e dissidências sexuais, além de elencar componentes que descrevem o que é ser feminina e quais performances são necessárias para se legitimar uma mulher desejada (BUTLER, 2003).

“Eu gostaria de ter um namorado com pele clara e cabelos fabulosos... eu queria ser capa de revista.” (Trecho de narração de Preciosa)

“Semana passada, Sr^a Rain me pediu que escrevesse como eu queria ser. Eu disse: cabelos longos, pele clara e magra.” (Trecho de narração de Preciosa)

A beleza e os atributos físicos para denotar “caráter” e “boa índole” são usados de forma consistente em muitos contos dos irmãos Grimm⁷, entre eles, Rapunzel, Cinderela (Aschenputtel), A Bela Adormecida, Branca-de-neve, entre outros. Nestes contos citados, as protagonistas são do gênero feminino, descritas como de beleza ímpar, de bondade essencial e possuem a expectativa de serem salvas e ter reconhecimento social por meio de um príncipe encantado que apresentam como qualidades, atributos que

⁷ Todos os contos mencionados neste artigo compõem o livro: Grimm, Jacob and Wilhelm. **Household Stories from the Collection of the Bros. Grimm**. Trans. Lucy Crane. London: Macmillan, 1882. Open Library. PDF file.



maximizam a ideia do homem “macho”, cheio de atos de bravura, títulos de nobreza e riqueza e beleza a altura das pretendentes. As personagens que rivalizam com as protagonistas geralmente são velhas e maldosas, ou ainda, não são descritas fisicamente pelos autores. Desse modo, notamos que as tecnologias de sexo e gênero utilizadas nos contos dos irmãos Grimm não podem ser replicadas como crivos determinantes na produção de subjetividade de crianças e adolescentes, pois

Para que haja uma mudança de paradigmas nas abordagens sobre as sexualidades, é preciso sempre que ocorra uma mudança social, ou seja, a partir de um remanejamento dos significados, valores e sentidos que são atribuídos às práticas sociais, econômicas, políticas, culturais, sexuais e de gêneros, em uma perspectiva coletiva (PERES, 2005, p. 12).

No filme *Preciosa* também é possível perceber que as condições paradigmáticas binárias e universalizantes se mostram imperando dentro dos contextos sociais e das relações contrastantes estabelecidas entre as pessoas e Preciosa. Esses contrastes aparecem, por exemplo, nos discursos da mãe de Preciosa que descreve a filha como o oposto de alguma jovem bem-sucedida e, também aparecem no sonho inatingível de Preciosa em ser branca, cabelos lisos e ter um namorado de cabelos esvoaçantes. Sobre as construções de gênero, que aparecem de modo determinante nos contos dos irmãos Grimm (1882) e que também é problematizado no filme, buscamos na análise de Donna Haraway que nos diz:

[...] o poder político e explicativo da categoria ‘social’ de gênero depende da historicização das categorias de sexo, carne, corpo, biologia, raça e natureza, de tal maneira que as oposições binárias, universalizantes, que geraram o conceito de sistema de sexo/gênero num momento e num lugar particular na teoria feminista sejam implodidas em teorias da corporificação articuladas, diferenciadas, responsáveis, localizadas e com conseqüências, nas quais a natureza não seja mais imaginada e representada como recurso para a cultura ou o sexo ou para o gênero (HARAWAY, 2004, p. 246).



Se lembrarmos que as análises devem ser marcadas por políticas de localização (HARAWAY, 1995), portanto, respondem a uma datação sócio-histórica e cultural, poderemos compreender que para a personagem era muito difícil se livrar da armadilha social a qual estava inserida. Em uma perspectiva dos estudos dos processos de subjetivação, as configurações dos sujeitos passam por processualidades e, nessa dinâmica, Preciosa enfrenta os efeitos das biopolíticas regulatórias e aos avanços permitidos pelo Estado que, mesmo sendo coercitivo e controladores, permitiam o mínimo de sustento para Preciosa e a mãe, como também a possibilidade de cursar uma escola.

Além disso, a história de Preciosa não pode ser entendida como um caso único e isolado em seu bairro; ela representa a coletividade de mulheres que habitam a sua comunidade (constituída em grande parte por negros e latinos). Sua história denunciava a falácia das instituições “família” e “escola” e todos os sofrimentos e impossibilidades psicossociais e políticas que a estigmatizavam e dificultavam as suas singularidades e suas relações sociais.

A vida de Preciosa é marcada por violências de todas as ordens, principalmente as vivenciadas no âmbito intrafamiliar. A mãe de Preciosa, a qual mais parecia a madrasta de Cinderela, produzia uma tortura psicológica forte em relação ao desenvolvimento cognitivo e emocional da protagonista, a deixando incapaz de realizar tarefas e a deixando frágil para lutar por possibilidades melhores na vida. Em uma comparação com o conto da Bela Adormecida, analisamos que tanto a mãe de Preciosa quanto os pais de Bela Adormecida não descreviam a realidade para as filhas, ou seja, não funcionavam como referência para o desenvolvimento delas. Enquanto os pais de Bela Adormecida⁸ cometiam o excessivo cuidado com a filha, a mãe de Preciosa empreendia o descaso e potencializava as impotências de Preciosa, descrevendo impossibilidades e a fazendo se sentir culpada pelos abusos sexuais cometidos pelo pai biológico e aceitasse o que lhe foi destinado.

⁸ No conto da Bela Adormecida, o rei e a rainha escondem a possibilidade de a filha furar o dedo em uma roca, de acordo com o feitiço lançado pela 12^o mulher sábia (bruxa/feiticeira/vidente/ fada do mal). Nossa interrogação: “Se a Bela Adormecida conhecesse os perigos que uma simples roca a oferecia a partir da maldição lançada pela bruxa, ela não estaria mais preparada para evitar aquela situação?”



Os processos de estigmatização de Preciosa aumentam, ainda mais quando nos atentamos ao analisador raça:

Raça é um trauma que produz fraturas no corpo político (*body politic*) da nação – e nos corpos mortais de seu povo. Raça mata deliberada (*liberally*) e desigualmente; e raça privilegia indizível e abundantemente. Assim como a natureza, raça tem muito a que responder; e a etiqueta ainda é válida (*the tab is still running*) para ambas as categorias. Raça, assim como a natureza, é o coração de estórias sobre as origens e propósitos da nação. Raça, ao mesmo tempo uma quimera fantástica e uma presença inevitável, me assusta; e não estou sozinha nessa patologia histórica paralisante do corpo e da alma. Assim como a natureza, raça é o tipo de categoria sobre a qual ninguém é neutro, ninguém é ileso, ninguém está certo de seu chão, se é que existe um chão. Raça é um tipo peculiar de objeto de conhecimento e de prática. Os significados da palavra são instáveis e protéticos; o status do referente da palavra oscilou – e ainda oscila — entre ser considerado real, com raízes no corpo natural, físico, e ser considerado ilusório e totalmente construído socialmente⁹ (HARAWAY, 1997, p. 213).

A intersecção raça e gênero expressa visivelmente nas corporalidades de Preciosa parece ser o tema central da análise do filme. Nos contos de fadas, é quase impossível encontrar personagens negros ou de outras etnias que não fossem da cultura eurocêntrica. Sobre a questão racial, encontramos a ocorrência do conto *A noiva Branca e noiva Preta* dos irmãos Grimm (1882), na qual as personagens negras eram representadas como perversas, ambiciosas e fisicamente eram tidas como feias e assustadoras. Essa negação das diferenças raças demonstra como os contos são produtos históricos e, portanto, não podem ser meramente aplicados a outras realidades e contextos.

No caso de Preciosa, analisamos que a política hierárquica e de relações de poder que a subjugavam é situada, principalmente, pelo fato de ser uma mulher negra, gorda e sem posses econômicas, ser adolescente e não possuir voz frente à própria vida.

⁹ Capítulo 6 do livro [Modest Witness@Second Millennium. FemaleMan@_Meets_OncoMouse™](#) (New York, London: Routledge, 1997, pp. 213-265). Tradução livre de Sandra Azeredo (sem revisão ainda).



A consciência de classe, de raça ou de gênero é uma conquista que nos foi imposta pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do capitalismo, do colonialismo, e do patriarcado. (HARAWAY, 2000, p.52).

No caso de *Preciosa*, a experiência histórica da realidade se traduz em diversas expressões da violência, entre elas, a violência sexual. Os abusos sexuais iniciaram aos três anos, conforme relata sua mãe nas cenas finais e diretamente para a protagonista que não se lembrava da gênese das agressões. No filme as violências sobre a sexualidade e gênero de *Preciosa* são iniciadas pelo discurso da diretora, que não hesitou em inferir que *Preciosa* se comportava “promiscuamente” e não tomava os cuidados para não engravidar, questão logo confirmada pela protagonista que, para não se expor, consente em silêncio a análise precipitada da diretora do colégio. Expulsa da escola por estar grávida do segundo filho, é encaminhada para uma escola para alunos “especiais”. No entanto, foi nesta escola que *Preciosa* pode se potencializar e conseguir problematizar sua própria história (e de suas colegas de sala de aula) por meio de suas narrativas e redações. Neste processo de escrita e constituição de si mesma que *Preciosa* recebe a notícia (contada por sua mãe) sobre o falecimento do seu pai em decorrência do HIV/AIDS. Em uma das violências cometidas pelo pai, *Preciosa* foi infectada pelo vírus também.

Ao analisar o filme *Preciosa* percebemos que não se trata de filmes apenas sobre mulheres; ele extrapola essa visão reducionista quando problematiza as políticas que regem a vida e toda sua potência ética, estética e política - e todas as questões relacionadas ao colonialismo, às violências estruturais que galopam entre os gêneros, sexualidades, raças, territórios, entre outros. É possível verificar que a narrativa apresentada pelo filme possibilita (re)pensar os modos de subjetivação normatizadores (e a difícil arte da fuga) que se transportam até o período atual. A inquietude apresentadas nas cenas frente às interdições aos corpos, aos desejos, aos prazeres, às



sensações, às singularidades indicam as políticas que nos tornam corpos que não importam (BUTLER, 1999), seres matáveis (HARAWAY; AZERÊDO, 2011).

As violências experienciadas pela protagonista retratam e reproduzem histórias de muitas mulheres que ainda hoje passam por contextos e situações que envolvem práticas sociais violentas, sendo uma das principais contribuintes para a construção imaginária de uma “princesa”, ou seja, uma mulher padrão: pele clara, romântica, magra, submissa, jovem, cristã. Além disso, a construção desse imaginário reproduz uma leitura essencialista do mundo que prega postulados teóricos que reduzem o ser humano a matriz de um único corpo, uma única sexualidade, uma única raça, um único gênero e um único aparelho mental. Ainda, sobre a importância dos processos sócio-culturais para a análise dos sujeitos, Peres (2005) nos diz que:

As determinações culturais são importantes para qualquer tipo de análise que possamos vir a fazer, sempre em conjugação com outros olhares que possam contribuir para uma análise mais pertinente de qualquer estudo, mesmo porque, cada cultura tem o seu rol de valores e significados pelas quais orientam seus comportamentos e seus modos de existência (PERES, 2005, p.12).

As mulheres encontradas no filme (professora lésbica, colegas de sala de aula, avó de Preciosa, entre outras) são mulheres que refletem complexidades que solicitam pensá-las dentro dos jogos políticos das existências. As condições sociais as quais Preciosa está inserida solicita a emergência das interfaces/interseccionalidades com outros marcadores sociais como, por exemplo, classe social e econômica, raça, geração, territorialidade/espço geopolítico e cultural, produção de práticas sociais dissidentes, estilos de vidas divergentes que contestam as estratégias do biopoder e, conseqüentemente, as ações correlatas das biopolíticas que regem a vida em sociedade.

No caso de Preciosa, é importante ressaltar a resistência aos códigos de sua captura. As disciplinas e regulações do biopoder e das biotecnologias, ou



seja, as políticas do Estado permitiram, mesmo que escassas, que ela existisse e pudesse inventar uma nova possibilidade de estilística da existência dentro das limitações que, ainda hoje, uma mulher negra, pobre, violentada, analfabeta pode sofrer. O exercício e expressão de uma liberdade possível foram modulados pela emancipação ocasionada pela educação e pelo coletivo de pessoas que a auxiliaram a superar as arbitrariedades e advertidas que eram estabelecidas e mantidas pelas instituições das quais fazia parte (família, escola, bairro).

As violências autorizadas pelas quais Preciosa foi submetida se esfacelaram a partir de quando ela se potencializa para ter voz própria. O discurso potencializado de Preciosa parece acontecer quando ela fala para a assistente social, durante uma reunião em conjunto com sua mãe, que ela já possui uma escolaridade, até antes, inimaginável, desenvolvendo a ideia que almejava chegar até a faculdade. Também avisa que o Governo (representado pela assistente social) não poderia resolver as questões dela, e que ela mesma deveria tomar conta de si mesma e de seus filhos, decidindo e assumindo caminhos para sua vida. Em relação à mãe, ela reconhece que a mãe a colocava em um lugar desacreditado, fazendo com que ela se sentisse feia, burra e ter vergonha de si mesma. Assim, Preciosa desabafa frente a mãe: “Nunca soube o que você era até esse dia. Nem mesmo com todas aquelas coisas que fez. Você me acha burra demais. Talvez eu quisesse ser. Você não me verá mais. Tchau”.

Mediante ao exposto, como pensar as transformações sociopolíticas para que as pessoas consigam resistir às lógicas do poder que despotencializam a vida? Haraway (2011), em sua militância a favor da vida problematiza:

Acho que o que o meu povo e eu precisamos largar se quisermos aprender a cessar o exterminismo e o genocídio, seja através de participação direta ou de benefício indireto e aquiescência, é o mandamento 'Não matarás'. O problema não é descobrir a quem tal mandamento se aplica de modo que a matança de 'outros' possa continuar como de costume e atingir



proporções históricas sem precedentes. O problema é aprender a viver responsabilmente dentro da múltipla necessidade e labuta de matar, para então assumir isso com transparência, em busca da capacidade de responder em inexorável contingência histórica, não teleológica e multiespécies. Talvez o mandamento deve ser 'Não tornarás matável' (HARAWAY, 2011, p.42).

O posicionamento “Não tornarás matável” propõe o rompimento com o enrijecimento da filosofia tradicional, com o determinismo, essencialismo e imparcialidade proposta pelo positivismo. Haraway (2000; 2011) utiliza, para tanto, a figura do ciborgue para problematizar o compromisso com o prazer e as experiências, com as parcialidades, com a mestiçagem, com a heterogeneidade e hibridismo de corpos, com a ironia do acaso, de modo a realizar conexões nada inocentes e a favor da responsabilidade dos sujeitos pela suas construções de como vêem o mundo. Desse modo,

A imagem do ciborgue pode sugerir uma forma de saída do labirinto dos dualismos por meio dos quais temos explicado nossos corpos e nossos instrumentos para nós mesmas. Trata-se do sonho não de uma linguagem comum, mas de uma poderosa e herética heteroglossia. Trata-se da imaginação de uma feminista falando em línguas [glossolalia] para incutir medo nos circuitos supersalvadores da direita. Significa tanto construir quanto destruir máquinas, identidades, categorias, relações, narrativas espaciais. Embora estejam envolvidas, ambas, numa dança em espiral, prefiro ser uma ciborgue a uma deusa. (HARAWAY, 2000, p.108)

Na sua escrita potente, Haraway (2000) busca problematizar os posicionamentos sócio-históricos, político e culturais e assim, propor resistência ao mundo racista, colonial, machista, de hierarquização interespécies, entre outros. Ainda denuncia a contradição existente na cultura ocidental do final do século XX e a importância das rupturas trazidas pela ciência (menos paradigmática e mais experiencial) na fronteira entre a natureza e a cultura e outras dicotomias do pensamento cartesiano. Tudo isso a favor do respeito e positividade das diferenças, das possibilidades e dos novos e resistentes modos de vida! No mundo de Haraway (e no nosso!), as princesas e os monstros podem coexistir.



REFERÊNCIAS

AZERÊDO, Sandra Maria da Mata. O político, o público e a alteridade como desafios para a Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 22, n.4, p. 14-23. 2002.

_____. **Preconceito contra a mulher: diferença, poemas e corpos**. São Paulo: Cortez, 2011.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 153-172.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: Holanda, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural**. Rio de Janeiro, Rocco, p. 206-242, 1994.

GRIMM, Jacob and Wilhelm. **Household Stories from the Collection of the Bros. Grimm**. Trans. Lucy Crane. London: Macmillan, 1882. Open Library. PDF file.

HARAWAY, Donna J.; AZERÊDO, Sandra Maria da Mata. Companhias multiespécies nas naturezaculturas: uma conversa entre Donna Haraway e Sandra Azerêdo. In: MACIEL, M. E. (org.). **Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica**. 1ª Ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1ª Ed., 2011, p. 389-417.

HARAWAY, Donna J. **Modest_Witness@Second_Millennium. FemaleMan©_Meets_OncoMouse™**. New York, London: Routledge, 1997, Cap. 6, pp. 213-265. Tradução livre de Sandra Azeredo (sem revisão ainda).

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. V.5. Campinas: Ed Unicamp, 1995. p 7-41.

_____. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 37-129.

_____. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 27-64, jan./jun. 2011.



JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Aqui não tem gays nem lésbicas”: estratégias discursivas de agentes públicos ante medidas de promoção do reconhecimento da diversidade sexual nas escolas. **Bagoas**, v. 3, n. 4, p. 171-189, 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v03n04bagoas04.pdf>. Acessado em: 24/03/2013.

PERES, Wiliam Siqueira. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania**. Rio de Janeiro: UERJ/Instituto de Medicina Social, 2005. (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ).